

CAMINHO DO MEIO

texto LIANA JOHN

Um oásis na periferia *Fundação Boticário cria sistema inédito de premiação para a conservação no entorno da represa de Guarapiranga, em São Paulo*



Quatro milhões de pessoas bebem a água da represa Guarapiranga, em São Paulo, em cujas margens estão irregularmente estabelecidos cerca de 1,5 milhão de habitantes. Além de poluir a água de abastecimento com esgotos e lixo, a ocupação desordenada e irregular da área de mananciais causa erosão e assoreamento do reservatório. A situação é tão séria que alguns braços da represa já recuaram diversos quilômetros, completamente aterrados. E sua

profundidade média diminuiu significativamente, a ponto de emergirem bancos de areia em vários pontos.

No rumo inverso dos sistemas punitivos — sucessivamente planejados pelo poder público e derrotados pela complexidade da situação — a Fundação O Boticário de Proteção à Natureza lançou um sistema inédito de premiação para os proprietários de terras situadas às margens da Guarapiranga que conseguem manter o verde tão necessário à proteção dos

mananciais. A instituição financiadora de projetos conservacionistas pretende estabelecer parcerias de 5 anos, renováveis por mais 5, com aportes financeiros e assistência técnica, para incentivar os proprietários a continuarem mantendo a vegetação e gradativamente enriquecerem suas áreas com o plantio de árvores nativas.

“Vamos usar a experiência obtida no apoio a Reservas Privadas do Patrimônio Natural (RPPNs) nos Estados de Mato Grosso do Sul, Goiás e São Paulo, onde ajudamos os proprietários a pagarem seus projetos de manejo das reservas e a efetivarem as unidades de conservação junto aos órgãos ambientais”, conta Maria de Lourdes Nunes, diretora técnica da Fundação. “Em São Paulo, juntamos a questão da água, que é crítica, com a conservação da vegetação, mas não será obrigatório constituir RPPNs. E se as parcerias funcionarem ampliaremos o projeto para a Billings, outro reservatório paulista bastante comprometido pela ocupação irregular”.

A iniciativa recebeu o nome bastante apropriado de Projeto Oásis. Parte da inspiração veio da experiência positiva da cidade de New York, onde o poder público destinou US\$ 1,5 bilhão em investimentos para manter a expansão urbana longe das terras consideradas estratégicas para a preservação de mananciais. Além de estabelecer parques e reservas, os recursos serviram para a aquisição do “direito de destruir”, quer dizer, os proprietários receberam recursos para abrir mão do direito de desmatar ou alterar a vegetação de suas propriedades, que continuaram servindo para moradia e para atividades não degradantes.

Na Guarapiranga, antes de estabelecer cada parceria, a Fundação Boticário fará uma avaliação do estado de



conservação da propriedade, estabelecendo o valor a ser pago como prêmio em função dessa avaliação. São 20 variáveis para definir um Índice de Valoração de Mananciais (IVM), que dá a medida da importância de cada área no contexto da bacia hidrográfica. Entre as variáveis estão a área total preservada, o estágio de crescimento da vegetação (campo sujo, capoeira, floresta), a existência de corpos d'água e nascentes, a distância em relação à represa, etc. O IVM atribuído a cada propriedade será considerado uma linha de base para comparações futuras. E a cada

ano de manutenção ou melhora do índice o proprietário terá direito a uma parcela do seu prêmio.

"A primeira parcela é repassada logo de início, em reconhecimento aos esforços de manutenção da vegetação feitos até agora", continua Maria de Lourdes. "O projeto começa pontual e voluntário, mas nosso objetivo, em 5 a 10 anos, é articular uma parceria mais ampla com investidores, com representantes do empresariado paulista dispostos a apoiar uma iniciativa de grande relevância, visibilidade e impacto ambiental e social. E também queremos

REPRESA ATERRADA

As duas fotos aéreas feitas do mesmo ponto de observação mostram o recuo de um braço da represa de Guarapiranga, devido à erosão e aos processos de assoreamento a ela associados.

A foto de cima foi feita em 1973, quando o ribeirão Tanquinho ainda corria entre chácaras (quadrúculas pequenas no canto direito inferior da foto) e logo alcançava o reservatório.

A foto de baixo foi feita em 1986, quando barracas (não aparentes na foto) já haviam tomado o lugar das chácaras e quase todo o braço de represa encontrava-se aterrado pelos sedimentos resultantes da erosão.

Hoje esse braço de represa já recuou mais de um quilômetro, entulhado por uma mistura de sedimentos, lixo e lodo de esgotos.

estimular a participação do poder público, de forma a buscar uma solução definitiva para o problema da ocupação desordenada e da degradação de mananciais". A expectativa, também, é de provocar políticas municipais, criando um círculo virtuoso capaz de trazer um pouco de oxigênio para uma represa que está na UTI.

Além das áreas privadas, entram no Projeto Oásis as Áreas de Proteção Ambiental (APAs) Capivari-Monos e Bororé-Colônia, ambas na região metropolitana de São Paulo. No total, estima-se que o entorno da Guarapiranga possui cerca de 40 mil hectares cobertos por vegetação natural, na forma de florestas e várzeas. Para os primeiros 10 anos, o projeto pretende cobrir uma área de 2.500 hectares, com investimentos de R\$ 12 milhões – dos quais a Fundação arcará com R\$ 4 milhões.

PARA SABER MAIS:

www.fundacaoboticario.org.br